

CAPÍTULO I

Dora Greenfield deixou o marido por ter medo dele. Seis meses mais tarde decidiu voltar pela mesma razão: um Paul ausente, que lhe assombrava a vida com cartas e telefonemas e passos imaginados na escada, tornara-se um tormento maior. Dora sofria de um complexo de culpa e com a culpa vinha o medo. Acabou por decidir que a obsessão da sua presença seria preferível à obsessão da sua ausência.

Dora era ainda muito nova mas, sem saber porquê, considerava-se já no declínio. Filha de pequenos burgueses londrinos, tinha só nove anos quando lhe morrera o pai; e a mãe, com quem nunca se entendera muito bem, casara outra vez. Aos dezoito anos, Dora conquistara uma bolsa de estudo para a Slade, onde havia dois anos estudava belas-artistas quando conheceu Paul. O papel de estudante de belas-artistas agradava-lhe; de facto, nunca outro lhe agradara tanto, nenhum desempenhara com maior convicção. Na escola fora uma rapariguinha feia e tristonha; na Slade tornara-se roliça, apetitosa, e da bolsa de estudo sobrava-lhe algum dinheiro que gastava em saias garridas, de muita roda, em discos de jazz, em sandálias. Nesse tempo — havia só três anos, mas como lhe parecia incrivelmente remoto! — Dora era feliz. Mas por tão tardiamente ter descoberto em si o talento para a felicidade, maior o seu desencanto ao verificar que não podia ser feliz nem na companhia do marido, nem longe dele.

Paul Greenfield — treze anos mais velho que a mulher, historiador de arte associado ao Instituto Courtauld — provinha de uma velha família alemã de banqueiros e tinha fortuna pessoal. Mas nascera em Inglaterra, fora educado num colégio inglês e preferia, portanto, esquecer-se da distinção dos seus antepassados; e, ainda que os seus haveres estivessem sempre investidos, jamais se lhe ouvia uma refe-

rência a ações ou obrigações. Conheceu Dora quando visitara a Slade para fazer uma conferência sobre talha medieval.

Dora aceitara a sua proposta de casamento sem hesitação, por uma variedade de razões: pelo seu bom gosto e pela sua casa em Knightsbridge; por ver nele uma certa integridade e nobreza de caráter; por ele ser tão maravilhosamente mais maduro que os seus colegas estudantes, magrzelas e neuróticos. Casara com ele um tudo-nada pelo seu dinheiro. Admirava-o e sentia-se lisonjeada pelas atenções que lhe dispensava. Através desse casamento — que a mãe, roída de inveja, classificava de «belo partido» — esperava penetrar na sociedade e aprender a comportar-se (ainda que, ao tempo, não tivesse consciência clara de tal desígnio). Casara, finalmente, arrastada pela intensidade demoníaca do seu desejo por ela. Paul era um pretendente apaixonado e poético, e havia no seu comportamento um não-sei-quê de exótico que inflamava a imaginação de Dora, definhada por uma educação deficiente, e insatisfeita entre as brincadeiras bastante acriançadas e provincianas da sua vida de estudante. Dora, ainda que não fosse de natureza suficientemente refletiva para sofrer sérios complexos de inferioridade, nunca se tivera em grande conta. Ficara admirada quando Paul reparara nela e passara rapidamente dessa admiração à volúpia de ser capaz de deleitar com tal facilidade uma pessoa tão subtil e requintada. Nunca lhe passou pela cabeça que não estivesse apaixonada.

Uma vez casada e instalada em Knightsbridge, entre a magnífica coleção de marfins medievais, Dora entregou-se à tarefa de ser feliz, com sucesso inicial. Mas com o correr do tempo descobriu que não era tão fácil como imaginara preencher o lugar de mulher de Paul. Atraíra-a a miragem de uma Dora-mulher-cultivada; mas agora, após um ano como senhora Greenfield, começava já a achar o ideal que se propusera demasiado difícil, a vê-lo até com certa repugnância. Paul partira do princípio que Dora desejaria, depois de casada, abandonar os estudos; e ela assim fizera, mas com pena. No entanto, como era preguiçosa e como, durante o curso, poucos sintomas mostrara de real talento, à pena juntava-se também um certo alívio. Paul, cujo regime de trabalho fora perturbado pelo namoro, uma vez casado voltou aos seus estudos com a devoção e persistência que Dora nele tanto admirava. Durante as longas horas que Paul passava no Courtauld ou no British Museum, Dora ficava com o tempo livre; esforçava-se por manter a casa meticulosamente limpa, sem se atrever, no entanto, a tocar sequer em qualquer dos objetos de arte; planeava antecipadamente os jantares oferecidos aos amigos de Paul, mas era Paul, em geral, quem cozinha-

va para estas ocasiões. Tudo isto lhe dava prazer; mas sentia que não era isto, realmente, o que queria da vida. A sensação de segurança exultante que o amor de Paul, a princípio, lhe trouxera começava a desvanecer-se. Sentia que Paul a incitava a crescer, sem, ao mesmo tempo, lhe deixar espaço suficiente para onde o fazer. Queria ser ele a ensinar-lhe tudo; mas não tinha nem o tempo, nem a paciência necessários para isso. E ela, ainda que devorasse revistas femininas, que experimentasse infatigavelmente toda a casta de «acessórios», já nem sequer se sabia vestir. Deixara as saias rodadas e as sandálias e, depois de irritar Paul com uma série de deslizos, acabou por comprar, pelo seguro, uma ou duas *toilettes* dispendiosas, que ela achava extremamente insípidas; depois acabou por deixar de comprar roupas. Esta mesma incerteza obcecante quanto ao seu gosto tornava-lhe igualmente difícil gastar noutras coisas o dinheiro que tinha. Começou a suspeitar que Paul a achava um tudo-nada ordinária.

Gostava dos amigos de Paul, ainda que a atemorizassem: eram todos muito inteligentes, todos muito mais velhos que ela, e todos tinham mulheres igualmente inteligentes, que a atemorizavam ainda mais. Tratavam-na com uma condescendência protetora e brincalhona. Um dia descobriu que um ou dois deles julgavam que ela fora bailarina, e tal confusão pareceu-lhe significativa. Visitava-os, na companhia de Paul, mas nunca os chegou a conhecer bem. Quando um deles, um violinista, mostrou ter mais interesse pessoal por ela e a encantou fazendo-lhe perguntas sobre a sua infância, Paul ficara cheio de ciúmes, fizera-lhe uma cena desagradável, e nunca mais o tornaram a ver. Antes de casar, Paul avisara-a da probabilidade de brigarem; acrescentou até que quando se está realmente apaixonado as brigas fazem parte do encanto da vida conjugal; estas, porém, que começaram bem cedo e não lhe davam prazer algum — deixavam-na exausta e humilhada.

Dora voltou a procurar com mais frequência amizades antigas, em especial Sally, uma rapariga ligeiramente mais nova que ela, que estava ainda na Slade. Começou a reconhecer, meio como quem se desculpa, meio como quem desafia, que era ainda muito jovem. Antigamente, o facto de outros estudantes darem a Paul o tratamento de *sir* divertia-a; agora, o mesmo facto desconcertava-a. Sally convidou-a a juntar-se a um grupo de antigos colegas que iam ao baile anual da Slade. Paul detestava bailes; depois de muitos pedidos, lá foi sozinha e voltou a casa às seis horas da manhã. Era incapaz de comedimento, tanto quanto a horas como a tudo o resto. Paul recebeu-a com uma cena tão violenta que ficou aterrorizada; daí em diante passou a ter-lhe

medo. E, no entanto, abstinha-se de o condenar; servia-lhe aqui de virtude uma certa incapacidade nata de julgar os outros. Aprendeu a aplacá-lo com lisonjas, ou a resistir-lhe mudamente, acarinhando-o; e ainda que fosse evidente a sua falta de conhecimento de si própria, ia-se tornando, no confronto com esta personalidade ameaçadora, cada vez mais cônica da sua existência própria.

Paul queria filhos, pelo menos um, com a mesma intensidade decidida e obsessiva com que queria todos os objetos que atraía à órbita da sua vida. O sentido familiar era nele muito forte e conservava uma nostalgia ancestral pela dignidade e pelo cerimonial dos laços consanguíneos. Ansiava por um filho, um pequeno Paul que pudesse instruir e encorajar, com quem finalmente pudesse conversar de igual para igual, ou a quem pudesse consultar como a uma inteligência rival. Por outro lado, a ideia de filhos apavorava Dora; não se sentia pronta para os ter e, caso bem típico da paralisia que afetava todas as suas relações com Paul, não fazia o menor esforço para evitar a concepção. Tivesse sido capaz de examinar friamente a sua situação e teria chegado à conclusão de que um filho lhe traria, no mundo de Paul, a independência e a posição de que tão tristemente carecia. Tinha qualidades para se tornar uma mãe competente e voluntariosa perante a qual o próprio Paul teria de se curvar. Como mulher-criança irritava-o constantemente em virtude da mesmíssima vitalidade que o levava a casar com ela; a maternidade ter-lhe-ia conferido, sem dúvida, um caráter mais impessoal, uma significação mais ampla arrancada ao seu respeito pelo passado. Ainda que a influência de Paul sobre ela fosse muito grande, Dora, como uma criatura que embora complacente tivesse na sua mobilidade a sua razão de existir, dependia da certeza de poder, a todo o momento, escapulir-se. Ter de abdicar deste desembaraço animal tornando-se duas pessoas em vez de uma era perspectiva que não estava disposta a enfrentar. E não a enfrentou.

Dora nunca tivera dúvidas quanto à violência de Paul; essa violência fora até um dos seus atrativos; uma espécie de autoridade viril de que os rapazes seus contemporâneos careciam por completo. Não seria certamente bonito mas tinha uma presença forte: o cabelo solto, quase preto; o bigode pendente, muito escuro, que lhe dava, aos olhos de Dora, um ar meridional; o nariz era grande de mais, a linha da boca tendia para uma certa dureza mas os olhos eram muito pálidos, como os de uma serpente, e na Slade tinham alvoroçado outros corações além do de Dora. Gostara do seu ar tenso e implacável, especialmente quando o tivera a seus pés. A parte de amante que ora tantaliza, ora

consente, agradara-lhe; e ficara deleitada quando Paul se revelou um amante de delicada sensualidade e impetuosa paixão, perante o qual os amigos do seu tempo de estudante pareciam insípidos. No entanto, agora começava a ver essa força com olhos diferentes: perturbavam-na os gestos violentos e irados com que ele destruía os ritmos da sua entrega; a meiguice, a alegria, foram-se da sua vida.

Depois de algum tempo, Dora deixou de contar a Paul o que fazia durante o dia. Começou a conviver com amigos que ela sabia não terem a sua aprovação; entre eles, um tal Noel Spens, um jovem jornalista que Paul conhecia vagamente e cujas rigorosas imitações do marido ela aceitara, protestando, por saber que a aliviavam. Dora não aprovava o seu próprio comportamento mas a tentação de escapar da casa elegante e intocável de Paul para ir beber com Noel ou com Sally era grande de mais para as suas forças. Dora bebia e gostava. E como era demasiado descuidada para iludir alguém convenientemente, Paul em breve começou a suspeitar; armou-lhe ciladas, em que ela facilmente caiu, e houve uma cena tremenda. Severamente perturbado, Paul oscilava entre a brutalidade e o sentimentalismo de uma forma que a Dora parecia ao mesmo tempo assustadora e repugnante. Envergonhou-se do seu comportamento errático e prometeu emendar-se, mas o gosto das companhias onde sentia que podia ser ela mesma tornara-se demasiado forte. Incapaz de constância ou cálculo saltitava de uma norma de conduta para a outra já abertamente, já como quem se desculpa, sem critério definido.

Via com mais frequência Noel Spens e o seu círculo de amigos, gente descontraída e bebedora. Começou a adquirir certos requintes, mas muito diferentes dos que ao casar ambicionara. Em casa, Paul fustigava-a com acusações que ela sabia serem justas; ela tentava explicar-se, mostrar-lhe porque se sentia infeliz, mas à sua incoerência juntava-se a irritação dele, e não se entendiam. Paul, por outro lado, sabia muito bem o que queria: «Quero trabalhar e ser o teu marido. Quero preencher a tua vida, como tu preenches a minha», dizia-lhe. E ela sentia-se intimidada pela firmeza dos seus propósitos, humilhada pela sua recusa de lhe compreender as queixas. Como não estava habituada a julgar os outros com precisão, ou a analisá-los refletidamente, não era capaz nem de satisfazer Paul, nem de se defender. Por fim, em obediência ao conceito fatalista que nela substituíra o senso moral, deixou-o.

Primeiro foi para a casa da mãe, com quem depressa se zangou. Paul, quando se convenceu que ela o tinha realmente deixado, escreveu-lhe uma carta meticulosa e característica: «Compreendes que não